

ISSN: 2316-6517

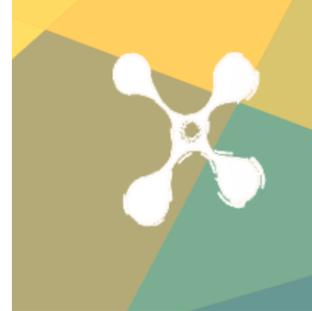


**International Journal of Knowledge
Engineering and Management**

v. 12, n. 33, 2023.



ijkem.ufsc.br



O SLOW JOURNALISM COMO RESPOSTA À ACELERAÇÃO SOCIAL

STEFANIE CARLAN DA SILVEIRA

Doutora em Ciências da Comunicação
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

stefanie.silveira@ufsc.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6767-6839>

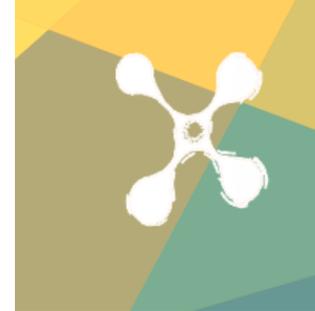
JAMILA FERNANDA CARVALHO LIMA

Mestranda em Jornalismo
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

jamycarvalho@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8079-5846>



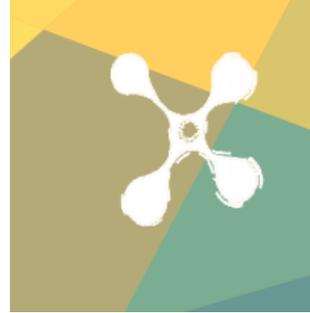


O SLOW JOURNALISM COMO RESPOSTA À ACELERAÇÃO SOCIAL

Resumo

A chegada da tecnologia digital intensificou o processo constante de aceleração social, próprio do capitalismo, resultando em uma experiência de tempo cada vez mais rápida. Baseando-se nas teorias de Elias (1998), Rosa (2003) e Han (2015), este artigo examina as complexidades do tempo social e sua rápida progressão, enfatizando a influência das mediações tecnológicas e jornalísticas nesse contexto, conforme explorado por Franciscato (2019) e Soares (2003). A pesquisa investiga a noção de Slow Journalism (SJ), fundamentada em uma Revisão Bibliográfica Sistemática (Mendes & Marinho, 2022), e como o SJ pode contrabalançar os efeitos da aceleração social. O artigo argumenta que o SJ atua como um “ansiolítico” no âmbito do jornalismo digital, oferecendo uma abordagem reflexiva e aprofundada à disciplina. Em uma era caracterizada pela “infoxicação”, o SJ possui o potencial de moderar e desacelerar a percepção do tempo, promovendo um engajamento mais significativo e consciente com o conteúdo noticioso.

Palavras-chave: Aceleração social, Infoxicação, Slow Journalism, Jornalismo Digital, Temporalidade.

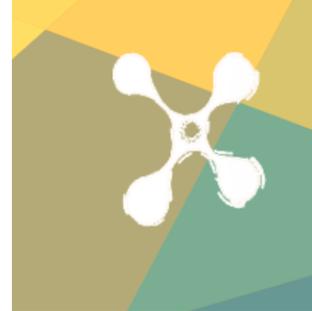


SLOW JOURNALISM AS A RESPONSE TO SOCIAL ACCELERATION

Abstract

The arrival of digital technology has intensified the constant process of social acceleration, typical of capitalism, resulting in an increasingly faster experience of time. Drawing upon the theories of Elias (1998), Rosa (2003), and Han (2015), this article examines the intricacies of social time and its rapid progression, emphasizing the influence of technological and journalistic intermediaries in this context, as explored by Franciscato (2019) and Soares (2003). The research delves into the notion of Slow Journalism (SJ), based on a Systematic Literature Review (Mendes and Marinho, 2022), and how SJ can counteract the effects of social acceleration. It posits that SJ acts as a form of “anxiolytic” within the realm of digital journalism, offering a thoughtful and thorough approach to the discipline. In an age characterized by “infobesity,” SJ holds the promise of moderating and decelerating the perception of time, fostering a more profound and mindful engagement with news content.

Keywords: Social acceleration, Infobesity, Slow Journalism, Digital journalism, Temporality.

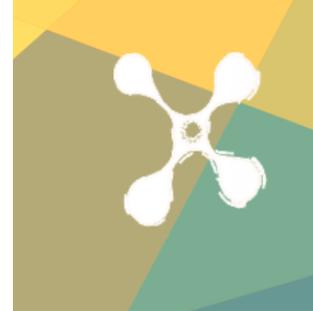


1. Introdução

Desde o advento da era digital, o jornalismo passou por transformações profundas, não apenas em suas práticas de produção, mas também em sua relação com o tempo e a informação. A transição do impresso para o digital trouxe consigo uma aceleração que altera a forma como as notícias são concebidas, distribuídas e consumidas. Essa nova temporalidade afeta tanto os profissionais da comunicação quanto o público, que agora está exposto a um fluxo constante e quase ininterrupto de informações. Nesse cenário, o conceito de aceleração social, tal como discutido por autores como Hartmut Rosa (2003), oferece uma base teórica para entender as consequências dessa transformação no jornalismo.

O jornalismo digital, caracterizado pela urgência e pela imediatividade, torna-se o símbolo máximo de uma sociedade que valoriza a rapidez em detrimento da reflexão. Esse fenômeno está diretamente ligado à lógica da "influxação", termo cunhado por Alfons Cornellá (1995), que descreve o excesso de informações e sua capacidade de sobrecarregar o ser humano. A constante busca por atualizações e novidades impõe ao jornalismo uma dinâmica de produção que valoriza a quantidade de conteúdos em vez da qualidade, criando um ciclo de aceleração contínua que impacta tanto o fazer jornalístico quanto a recepção do público.

É nesse contexto que o Slow Journalism (SJ) emerge como um contraponto relevante. Inspirado pelo movimento Slow Food, que defende o consumo consciente e a valorização dos processos mais lentos e naturais, o SJ propõe uma desaceleração no campo jornalístico, priorizando a profundidade, a análise e a contextualização dos fatos. Ao contrário do jornalismo acelerado, o SJ busca oferecer conteúdos mais elaborados, com maior ênfase na qualidade das informações e menos preocupação com o imediatismo. Esse



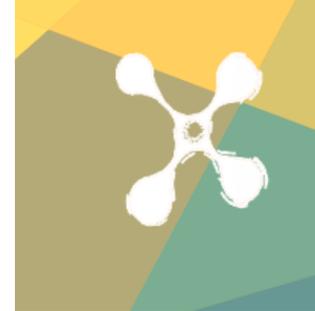
conceito se coloca como uma resposta às demandas por um jornalismo mais ético e consciente, adaptado aos desafios da era digital.

No entanto, essa proposta de desaceleração não é uma rejeição à tecnologia ou às novas práticas digitais. Pelo contrário, o Slow Journalism propõe uma integração consciente das ferramentas tecnológicas, utilizando-as de maneira crítica para produzir conteúdos mais completos e duradouros. O SJ não se opõe à inovação, mas busca reconfigurar as práticas jornalísticas para que estas estejam mais alinhadas com as necessidades de um público que valoriza a profundidade e a veracidade das informações. Nesse sentido, o SJ se apresenta como uma alternativa viável em um momento em que a confiança no jornalismo tradicional está em declínio e as fake news se espalham rapidamente.

Portanto, este estudo tem como objetivo explorar a dinâmica temporal no jornalismo digital, discutindo como a aceleração social impacta o campo e de que forma o Slow Journalism pode funcionar como um "ansiolítico" para a crise informacional contemporânea. Ao analisar as bases teóricas que sustentam o SJ e sua aplicabilidade prática, busca-se demonstrar como essa abordagem pode contribuir para a revalorização do jornalismo em um cenário saturado por notícias rápidas e muitas vezes superficiais. A pesquisa também considera os aspectos éticos e deontológicos envolvidos nessa transição para um jornalismo mais reflexivo e menos dependente da velocidade.

2. Aceleração, vida digital e jornalismo

Para Nobert Elias (1998) o tempo é uma construção relacional balizada conforme as necessidades humanas e que acaba por significar os acontecimentos sociais e naturais. Para ele, a palavra "tempo" é útil para: [...] designar simbolicamente a relação que um grupo humano, ou qualquer grupo de seres vivos dotado de uma capacidade biológica de memória e de síntese, estabelece entre dois ou mais processos (Elias, 1998, p. 39).

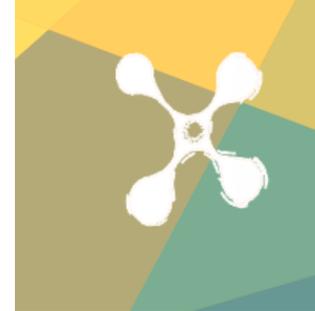


Isso significa dizer que o tempo é um “símbolo conceitual” com poder de síntese mediante as relações entre os grupos e os processos perceptíveis que ocorrem. O tempo, portanto, é passível de disputas e de poder. Em determinado momento da humanidade, não havia a necessidade de formas de controle do tempo elaboradas. Elias remonta que o “[...] continuum móvel das transformações evolutivas” (Elias, 1998, p. 49) não tem fim e, mais notadamente, não tem começo. A criação do conceito de ano, ao fixar um lugar mais ou menos arbitrário no céu para o posicionamento do sol serviu para que existisse uma forma de unidade na determinação do tempo, trazendo referências para as atividades humanas, por exemplo.

Para Elias, o tempo não é uma fantasia que se impõe naturalmente: ele serve a interesses diversos e se estabeleceu através da síntese. Quando fenômenos naturais caracterizados pelo “desenrolar contínuo” são imprecisos para a definição do tempo que sirva às necessidades humanas, outros mecanismos são utilizados como meios de referência. “Considerado do ponto de vista sociológico, o tempo tem uma função de coordenação e integração”, define Elias (1998, p. 45). Ou seja, não existe apenas o tempo natural, também existe o tempo social.

Outros autores trouxeram a perspectiva de tempo social com mais profundidade antes mesmo de Elias, como mostram Aderaldo et al (2020, p. 368). Segundo eles, para Durkheim, o tempo é uma construção social coletiva de indivíduos que partilham significados em comum para a sua organização social. No entanto, os autores ainda demonstram que foi Roger Sue quem ampliou o conceito de tempo social, ao afirmar haver não apenas um, mas diversos tempos sociais, também objetos de disputa em níveis de importância para as sociedades modernas.

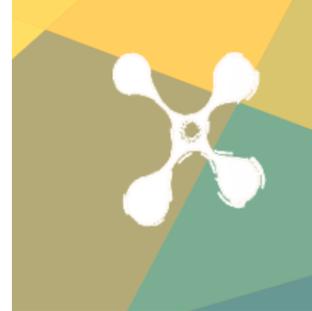
Levando em consideração que o tempo social – ou os tempos sociais – são experienciados pelos indivíduos de acordo com o seu contexto social, histórico e cultural,



Hartmut Rosa (2003), em seu ensaio sobre a aceleração social e as suas repercussões éticas e políticas, demonstra que há uma observação e um sentimento generalizado de que o mundo está mais acelerado. Ele separa o fenômeno em três categorias analíticas, ao mesmo tempo que empíricas, que dão conta do conceito do qual ele se propõe a destrinchar: a) a aceleração tecnológica; b) a aceleração da mudança social; e c) a aceleração do ritmo de vida. Segundo ele, essas três categorias estão imbricadas e atuam em retroalimentação umas das outras.

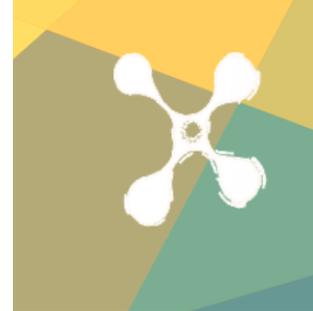
Para Rosa, a aceleração tecnológica é um fenômeno *dentro* da sociedade e que impactará – mesmo que de maneira não causal, frisa o autor – nas duas formas de acelerações seguintes descritas por ele, mas, mais eminentemente, a terceira: a aceleração do ritmo de vida. Explicado de maneira sucinta, dentro desse paradigma, o tempo não está mais submetido às leis da física ou mesmo da gravidade. Através da tecnologia e da rapidez de seus avanços, é possível haver uma ubiquidade das relações humanas com os processos desenvolvidos dentro do que ele chama de “mundo moderno tardio”. Com a revolução digital advinda através da massificação da Internet, é possível conversar ao vivo, utilizando imagens, com alguém do outro lado do planeta, ao mesmo tempo em que é possível utilizar-se de *GPS* para a orientação precisa em lugares desconhecidos aos usuários. Todas essas questões impactam na forma como os espaços são vividos dentro dessa aceleração:

A primeira, mais óbvia e mais mensurável forma de aceleração é a aceleração de processos de transporte, comunicação e produção intencionais e orientados para objetivos, que podem ser definidos como aceleração tecnológica. [...] Os efeitos da aceleração tecnológica na realidade social são certamente tremendos. Por exemplo, a prioridade “natural” (ou seja, antropológica) do espaço sobre o tempo na



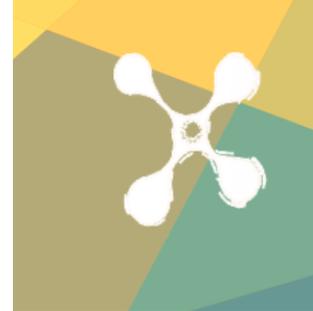
percepção humana (enraizada nos nossos órgãos dos sentidos e nos efeitos da gravidade, que permitem uma distinção imediata entre “acima” e “abaixo”, “na frente de” e “atrás”, mas não de “mais cedo” e “mais tarde”) parece ter sido invertida: na era da globalização e da *u-topicality* da Internet, o tempo é cada vez mais concebido como oprimindo ou mesmo aniquilando o espaço. O espaço, ao que parece, virtualmente “contrai-se” e perde a sua importância para a orientação no mundo moderno tardio. Os processos e desenvolvimentos deixam de ser localizados e os locais tornam-se “não-lugares”, sem história, identidade ou relação (Rosa, 2003, p. 6-7).

Já a aceleração da mudança social, segundo ele, é algo bem anterior à chegada da Internet no quotidiano social e das demais inovações tecnológicas. Tem a ver com o ritmo em que a própria sociedade em si se altera. A velocidade com a qual os valores sociais, estilos de moda, relações sociais, linguagens e até mesmo as classes sociais mudam e se reconfiguram estão num ritmo de mudança maior daqueles observados por jornalistas, romancistas e cientistas desde o século XVIII (Rosa, 2003). No entanto, menos mensurável e com dificuldades de análise intrínsecas de cunho sociológico do que a aceleração tecnológica, este tipo requer maior cuidado para a classificação, já que é complexo definir qual ou quais as linhas atravessadas no tempo e espaço para que uma mudança social seja, de fato, concebida. Desta forma, bebendo em discussões filosóficas sobre o que seria o presente e o que é válido como passado ou futuro, Rosa demonstra esta aceleração da seguinte forma: “[...] a aceleração da mudança social é definida por um aumento nas taxas de decaimento da confiabilidade de experiências e expectativas e pela contração dos intervalos de tempo definidos como o ‘presente’” (Rosa, 2003, p. 7).



A última forma de aceleração social, a aceleração do ritmo de vida, é a que mais paradoxalmente se cruza com a aceleração tecnológica, embora o autor pontue que não é nem lógica nem causalmente implicada pelas duas primeiras formas de aceleração. Ironicamente, o pressuposto presente na aceleração tecnológica é a de que teríamos mais tempo livre para focar em outras questões que não envolvessem consumo e produção. Se o trabalho manual demora três dias para ser feito e, com a ajuda de uma máquina, é executado em apenas uma hora, o volume de tempo disponível para aquela atividade revelaria uma sobra de tempo para o indivíduo aproveitá-la da maneira que melhor lhe aprouvesse. Se a aceleração tecnológica rompe com as barreiras do tempo e do espaço, *diminuindo* o tempo gasto para processos do dia a dia, o resultado esperado seria uma *abundância* de tempo. No entanto, segundo o sociólogo, a escassez de tempo é o que mais é observado neste momento de aceleração do ritmo de vida, embora seja de difícil mensuração, mesmo que afete as experiências dos indivíduos e das sociedades ocidentais (Rosa, 2003).

Apesar de chamar de paradoxo, Rosa traz a explicação nítida para o terceiro fenômeno: “[...] se o tempo livre diminui apesar da aceleração tecnológica, a única explicação possível é que a própria quantidade de atividade mudou ou, mais precisamente, aumentou mais rapidamente do que a correspondente taxa de aceleração tecnológica.” (Rosa, 2003, p. 10). Se o tempo livre é a categoria de tempo menos valorizada dentro da modernidade, subjugada por outras temporalidades, e é alienado ao consumo e à produção, alterando a percepção das subjetividades, então novas tarefas e o “aproveitamento” do tempo são inseridas no cotidiano das pessoas adentrando esferas como o lazer e atividades diárias repetitivas. É considerado “perda de tempo” estar apenas lavando a louça. É preciso lavar a louça ao mesmo tempo em que se escuta um podcast sobre algum crime cometido na década de 80 ou assistir a uma videoaula plataformizada e sob demanda enquanto se vai

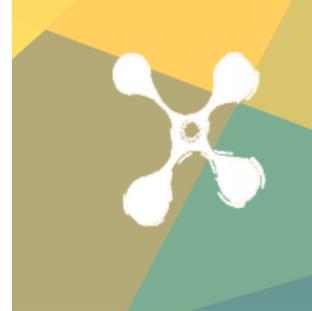


de ônibus ao trabalho. Se o tempo livre resultante da maior tecnologização dos processos é preenchido por mais tarefas – ainda que elas levem consideravelmente menos tempo do que processos anteriores à chegada da tecnologia –, a percepção de que o ritmo de vida está mais acelerado é a consequência.

O filósofo coreano Byung-Chul Han (2018a) fala sobre a passagem de uma sociedade disciplinar, baseada na biopolítica, para uma sociedade fundada no regime neoliberal, que se baseia na psicopolítica. Para ele, o neoliberalismo não se ocupa dos corpos, mas da psique dos sujeitos a fim de que eles mesmos possam ser os responsáveis pela sua exploração. "O 'eu' como projeto, que acreditava ter se libertado das coerções externas e das restrições impostas por outros, submete-se agora a coações internas, na forma de obrigações de desempenho e otimização" (Han, 2018a, p. 9).

Nesta lógica, os sujeitos são coagidos por métricas inalcançáveis de desempenho, produtividade e perfeição, impostas não apenas pela estrutura do capital econômico, mas também pela estrutura tecnológica deste capital, exemplificada pelas plataformas de redes sociais online e pelos dispositivos móveis. "Explorar alguém contra sua própria vontade não é eficiente, na medida em que torna o rendimento muito baixo. É a exploração da liberdade que produz o maior lucro" (p. 12). Crentes em uma suposta liberdade, os sujeitos são monitorados 24 horas por dia, sete dias por semana, nas plataformas algorítmicas e creem que a adaptação pessoal à aceleração do tempo, da experiência e das relações é condição para o sucesso na contemporaneidade.

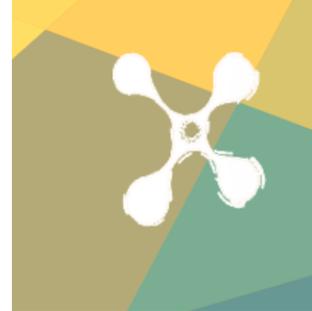
O Jornalismo não escapa desta lógica. Em seu ensaio "A serviço da deusa urgência", Soares (2003) argumenta que a pressa é intrínseca à prática jornalística, se colocando como um crítico da supervalorização da tecnologia como um diferencial que, ao mesmo tempo, traria mais qualidade de vida ao repórter e ao resultado de seu trabalho – suas matérias ou reportagens – sem desprezá-la, no entanto, como um elemento modificador na



vida dos trabalhadores e consumidores desta indústria. A urgência aqui aparece como um elemento da modernidade e da modernização, “processo econômico-administrativo [...] próximo à noção de ‘progresso’ [...]. Modernizar, nesse sentido, passa a ser racionalizar, organizar um espaço a fim de torná-lo mais produtivo [...]” (Soares, 2003, p. 5). Ou seja, para Soares, não só a urgência e a pressa são elementos que atravessam o Jornalismo em todas as suas esferas relacionais – jornalista, público, indústria, fontes, dentre outros –, como também funciona como um elemento agregador, ao ajudar o projeto modernizante na construção das identidades nacionais. Assim, até mesmo a periodicidade diária da circulação de um jornal ajuda a construir a noção de pertencimento de um grupo, ao se sentirem parte de uma comunidade que lê, ao mesmo tempo, a mesma coisa. A urgência também contribui para a percepção coesa de que a humanidade está caminhando para frente, para o futuro, sendo o futuro imaginado como irremediavelmente melhor que o passado. Ela torna-se, como os processos modernizantes, um valor a ser normatizado pela própria comunidade jornalística e por quem a recebe, muitas vezes à custa da saúde física, mental e social dos indivíduos que atuam sob essa lógica.

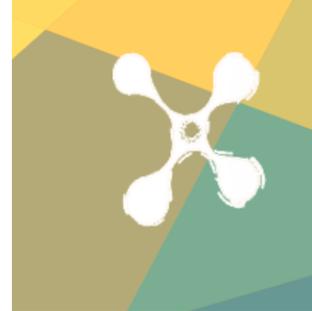
A tecnologia, para Soares, não é um fator isolado que, por si só, faz com que as pessoas tenham que produzir constantemente, mas, tal qual a aceleração do ritmo de vida de Rosa, é relacional. Neste caso, com o próprio projeto moderno:

As narrativas jornalísticas tradicionais, agora na roupagem da alta tecnologia da comunicação, redobram a modernidade intrínseca ao jornal — que assim reproduz também, clinicamente, o binômio “eterno/mutável” baudelairiano. Magicamente, a tecnologia jornalística se presta ao aprofundamento do próprio sentido de urgência da informação dos acontecimentos da modernidade, agregando aos produtos midiáticos valores igualmente tradicionais na modernidade capitalista, como qualidade, organização, precisão, abrangência, novas possibilidades [...] (Soares, 2003, p. 10).



Há, portanto, uma normalização e, por consequência, uma normatização da velocidade no Jornalismo acentuada pela implementação impensada da tecnologia ou, pelo menos, muito mais perceptível por meio desta. É possível fazer uma comparação direta aos tipos de aceleração que Rosa (2003) descreve pensando no Jornalismo:

- a. aceleração tecnológica dentro do Jornalismo: é possível, para repórteres e editores, escrever mais rapidamente com a ajuda de computadores, dispositivos móveis, internet em banda larga e acesso rápido a informações. É possível encontrar fontes e contactá-las mais rapidamente com a ajuda da internet e com o uso das redes sociais. É possível ainda distribuir e atualizar portais digitais em tempo real, dando *vazão* imediata ao trabalho feito, dentre outros muitos exemplos que demonstram que as rotinas produtivas se aceleraram;
- b. A aceleração da mudança social ou mudança do Jornalismo: o Jornalismo, tal qual a sociedade, reinventa seus próprios critérios deontológicos e, por vezes, até éticos, de acordo com o contexto social altamente tecnológico. Valores-notícias sofrem alterações visando à visibilidade dos conteúdos. A Inteligência Artificial, apesar de controversa, já passa a ser considerada viável e aceitável para a formulação, classificação e distribuição de notícias. As relações entre a audiência e quem produz a notícia são alteradas – e frequentemente enfraquecidas – diante da profusão de informações, dentre outras questões que podem ser abordadas neste tópico;
- c. A aceleração do ritmo de vida no Jornalismo: O “tempo livre” que o jornalista economizaria ao digitar no computador sua matéria e não na máquina de escrever ou a próprio punho, é preenchido por mais tarefas, advindas de mais demandas que vieram a embalo do ditame dos algoritmos, por exemplo. Mais o público deseja informações em tempo real em seus *smartphones*, mais a expertise em diversas

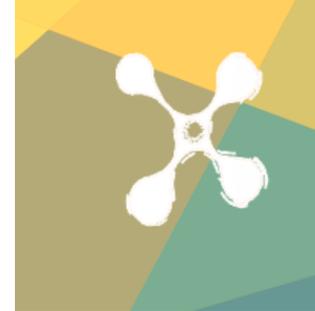


áreas é cobrada dos profissionais para que consigam dar conta das demandas de produção e distribuição.

Min (2022) aprofunda em seu livro a reflexão do uso da tecnologia pelo Jornalismo: para ele, há uma visão determinista da tecnologia que se esquece dos preceitos democráticos e civis do campo. Essa visão é constantemente celebrada pelos próprios atores jornalísticos, como demonstra: “Em geral, a indústria jornalística, os grandes círculos de negócios e a narrativa popular tendem a acreditar no determinismo tecnológico”. (MIN, 2022, p. 10), assim como critica Soares (2003). O trecho abaixo exemplifica como a tecnologização demasiada do jornalismo e o que se entende por jornalismo digital em si, tem trazido certas problemáticas que precisam de atenção por parte da comunidade profissional e acadêmica:

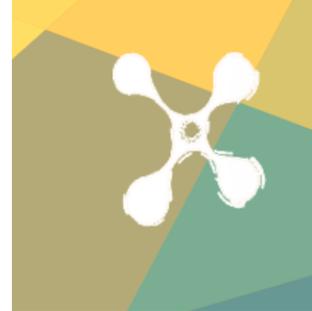
Para Franciscato (2019, p. 4), o Jornalismo é não apenas afetado pela construção da noção de tempo, mas é também participante neste fenômeno de construção da experiência temporal. Para ele, no entanto, há uma temporalidade específica que é central como resultado do que o Jornalismo produz: a experiência do tempo presente, ou “*jornalistic timeliness*” – uma atualidade jornalística. Segundo o autor, esta temporalidade pode ser entendida através de seguintes aspectos e características fundamentais:

- O tempo presente é uma dimensão essencial do jornalismo;
- O jornalista busca operar imerso na vivência do tempo presente do ator ao atuar no mundo e, para isso, desenvolve recursos simbólicos para viver e até ordenar essas experiências;
- A experiência temporal do jornalismo ligada ao presente estabeleceu-se no curso histórico do surgimento e consolidação do jornalismo;
- A temporalidade do presente orientou a institucionalização do jornalismo na organização interna de suas práticas e definição de seus produtos, bem como nas relações sociais estabelecidas pelas organizações jornalísticas;



- A temporalidade do presente dá forma cultural ao principal produto jornalístico, a notícia, tornando-a reconhecível e estabelecendo seus limites de sentido, performance e existência social;
- As notícias trazem, muitas vezes explícitas, marcas do tempo presente que afirmam sua singularidade temporal e sua curta duração;
- Há no jornalismo um sincronismo fundamental entre a temporalidade de seu produto e o tempo de uma série de ações públicas em construção (Franciscato, 2019, p. 5).

Para ele, a temporalidade jornalística ou atualidade jornalística, dentre outros aspectos, é construída por e para o tempo presente, pela “[...] permanente tensão pelo risco de que o sentido de tempo que ele traz em seu discurso se desvincule do tempo do mundo.” (Franciscato, 2019, p. 5). Em outras palavras, ele quer expressar que o Jornalismo não é o criador do tempo presente, mas age de maneira a reforçar o tempo presente como um tempo social. As notícias do tipo *Hard News* e *Breaking News* são as maiores representantes dessa temporalidade em que o tempo presente ou um passado recentíssimo é abordado de tal maneira que é possível reconhecê-los imediatamente: as marcas discursivas nos conteúdos e a conformação da notícia tal qual ela aparece demonstram o que explicita o autor. No entanto, apesar de historicamente importante e emblemático para o Jornalismo, não apenas o tempo presente consta em termos de meios, mensagem, produção, conteúdo e recepção. Novas temporalidades surgem a partir da mediação entre o Jornalismo e a tecnologia. A mediação, neste contexto, entendida não apenas no que meramente resulta da articulação de dois elementos, mas além disso, qual o significado do resultado, ou seja, que condições o resultado trouxe para a ação, seja na ordenação, atribuição de significado ou representação da realidade.



A construção das novas temporalidades através das mediações tecnológicas e jornalísticas, segundo Franciscato (2019), se dá através da tecnicidade que traz novos elementos até então não constitutivos da prática jornalística tradicional. Portanto, o tempo presente já não consta como a temporalidade única constitutiva do jornalismo. Relembrando Rosa (2003), se há uma aceleração da mudança social e, por inferência, da mudança do próprio Jornalismo, o tempo presente já não é o “rei” dentro dessa nova configuração em que a tecnologia aparece como fator preponderante, trazendo efeitos diversos para o campo em toda a sua esfera relacional.

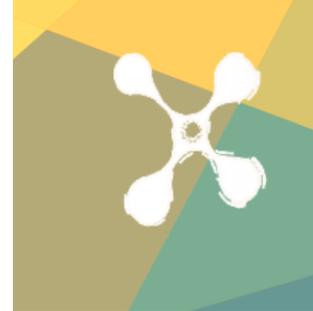
Assim sendo, Franciscato (2019) argumenta que o que mais pode se aproximar da conjuntura atual do Jornalismo dentro da intensa inserção da tecnologia na vida diária é, não apenas o tempo presente como principal balizador do campo jornalístico, mas múltiplas temporalidades dentro de um ecossistema, com enfoque em três formas relacionais: a) o tempo de produção – relação dos eventos e a produção dos repórteres e organizações; b) o tempo de recepção – relação entre leitores ou usuários o conteúdo jornalístico – e c) o tempo das interações sociais – múltiplas relações e interações que o jornalismo cria como colaborações, comentários, compartilhamento, dentre outros (Franciscato, 2019).

3. *Slow Journalism*: um conceito polissêmico (e polêmico)

Utilizado pela primeira vez por Susan Greenberg¹, em 2007, em um artigo de opinião na qual critica a falta do jornalismo narrativo no Reino Unido, a menção ao *Slow Journalism*² (SJ) é uma referência direta ao movimento *Slow Food*, que ganhava espaço na mídia, ao tentar combater as redes americanas de *Fast Food* e de seus impactos nas economias e culturas locais. Em uma revisão bibliográfica sistemática (RBS) sobre o tema, Mendes e

¹ Texto da Revista britânica “Prospect”. Disponível em: <https://www.prospectmagazine.co.uk/opinions/57661/slow-journalism>. Acesso em: 05 fev. 2023.

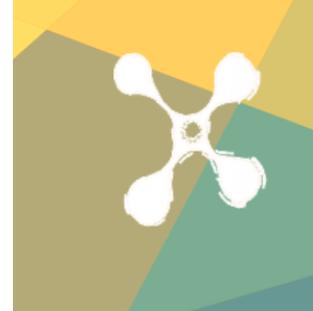
² Apesar de poder ser traduzido para “Jornalismo Lento” sem prejuízo de sentido, optamos pela apresentação do termo em inglês, solidificado nos estudos e demais representações midiáticas sobre o tema para uniformizar o presente texto.



Marinho (2022) analisaram um *corpus* de 37 trabalhos de acesso aberto, em português, inglês, espanhol e francês publicados até janeiro de 2022. A principal pergunta a ser respondida pela RBS era: quais conceitos e perspectivas foram utilizados para discutir o *Slow Journalism*?

Os resultados são instigantes. Apesar da pequena amostra, as autoras identificaram que, dentre os estudos analisados, que o *SJ* é mais definido pelo que não é, do que pelo que é – um *anti-branding*. Num primeiro agrupamento de significados relacionados às práticas, ele foi identificado como uma tendência jornalística que age contra a homogeneização, em que se encontram princípios éticos que perpassam rotinas e práticas dos atores que compõem o processo. Ou seja, neste primeiro momento, o *SJ* é “[...] um conjunto de diretrizes que direcionam a produção do jornalista e a forma como ele atua.” (Mendes & Marinho, 2022, p. 7) – aqui, essas diretrizes valem não apenas para o comportamento do jornalista, mas também para como a audiência atua em relação ao jornalismo produzido. Já no segundo agrupamento de significados, o *SJ* também aparece como um jornalismo de maior qualidade, feito com mais dedicação e, inevitavelmente, com mais tempo. O *SJ* é aproveitado como uma necessidade de ocupar um nicho de mercado através do que as autoras percebem como uma contracultura jornalística.

Pedriza (2017, p. 134-136) argumenta que há um guarda-chuva semântico considerável quando se trata da conceituação e a tipificação do *Slow Journalism*. Dez anos após o início das pesquisas na área, a polissemia persiste e uma certa polêmica também. Afinal, tentar chegar a um conceito único que englobe todas as nuances das quais essa denominação jornalística demonstra ser capaz se mostra tarefa árdua. Aparecem questões variadas entre os autores mencionados que fazem com que tanto a literatura científica produzida desde o surgimento deste tema de pesquisa, quanto a própria análise dos veículos que se manifestam como veículos-*slow*, tragam aspectos difusos dentre questões como a

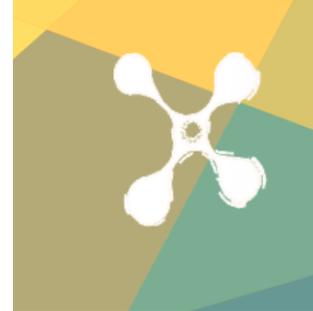


transparência – de conteúdo, de fontes, de financiamento e gastos de manutenção dos projetos; – como das formas de expressão – de gêneros, de formatos, de transmidiatização e de tamanho do material veiculado, dentre outros.

O *SJ* se coloca como um movimento de reforma do Jornalismo (Min, 2002) sem, no entanto, trazê-lo como uma panaceia – a maioria das visões encontradas por Mendes e Marinho sobre o *SJ* é não-essencialista, ou seja, não o colocam como a única forma de fazer bom jornalismo.

Erik Neveu (2016, p. 4-5), menciona alguns significados do que este tipo de jornalismo significa – ou deseja significar:

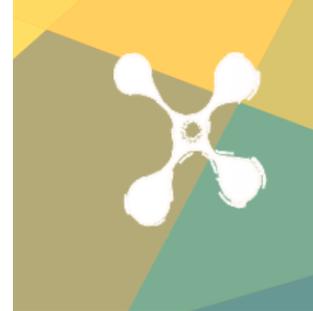
- a. Crítica ao culto da velocidade e da reportagem ao vivo. A palavra lento significa literalmente a lentidão nos processos: para a checagem, coleta e processamento de dados;
- b. Investigação real e, por vezes, presencial. Trabalho fora das redações e em contato com pessoas. Produzir boas notícias, sem apenas comentá-las ou reciclá-las;
- c. Menos. O *SJ* expressa uma reação à overdose de notícias advindas dos mais variados meios;
- d. Narrativo e geralmente em formato longo;
- e. “*Fairness*” ou um senso de Justiça. Como se estrutura em uma ecologia da produção da informação, é preocupado com toda a cadeia que a sustenta. A notícia é capaz de ser tracejada de volta às suas fontes. Valorização da transparência;
- f. Comensal. Há uma nova relação com a audiência: há uma comunidade a ser formada entre os leitores, que se tornam *prosumers* dos conteúdos jornalísticos;
- g. Evita o sensacionalismo;
- h. Profundo, de bastidores e valoriza histórias “não contadas”, mobilizando mais a contextualização do que as explosões dos acontecimentos quentes.



Portanto, nos interessa a definição que Pedriza (2017, p. 144) nos dá do *Slow Journalism*, atualizando para o contexto de aceleração do ritmo do jornalismo e de intensa mediação tecnológica da vida:

Ao contrário do que opina a maioria da doutrina, não se trataria de um gênero, **mas de um processo, entendido como um conjunto de práticas profissionais, aplicável a todos os gêneros jornalísticos e que tende a adaptar eficientemente os tempos de produção e atualização da informação jornalística de modo a fornecer ao leitor informações relevantes, suficientes, com valor agregado e mais do que comprovado.** Sua relevância histórica justifica-se pelo clima particular de "infoxicação" gerado pela intensa e rápida troca de informações na era da Internet e das redes sociais. Nesse sentido, pretende ser útil no combate à desinformação difundida nesses novos espaços de troca de informações midiáticas. O *slow journalism* é concebido como uma tendência transversal que visa aumentar a qualidade dos produtos noticiosos digitais, agregando valor através do contexto, análise e interpretação dos fatos narrados de forma rigorosa. O *slow journalism* se beneficia das inovações tecnológicas para renovar os gêneros jornalísticos e é voltado para um público global, familiarizado com o uso das redes sociais e o consumo de produtos audiovisuais e multimídia (Pedriza, 2017, p. 144. Grifo nosso).

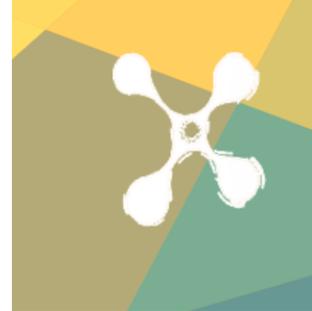
A definição acima está fortemente ligada ao contexto de intensa mediação tecnológica, a exemplo do que menciona Franciscato (2019). Em meio às disputas das *Big Techs* e seus usos dos algoritmos que tratam a atenção dos indivíduos como um ativo, indivíduos como "usuários" e subjetividades como "personas", é no digital que o jornalismo mais acontece dentro desta lógica. Alberto Puliafito (2022, *online*), jornalista entusiasta do *Slow Journalism* e fundador do site *The Fix*, que cobre as movimentações da indústria jornalística, elenca as razões pelas quais acredita que o jornalismo digital, tal como se apresenta, está em crise:



1) Todo o modelo de negócios está quebrado: a publicidade digital é monopolizada pelas plataformas; os mercados de anúncios classificados foram interrompidos por sites como o Craigslist; a receita dos leitores digitais é um quebra-cabeça difícil de resolver e bem diferente do antigo modelo de distribuição; na era da economia da atenção, qualquer conteúdo praticamente compete com o conteúdo jornalístico por um recurso muito escasso: o tempo!; 2) Há falta de confiança no jornalismo por parte das audiências; 3) Em vários países, a transição digital ainda está por vir e não é fácil nem mesmo redefinir o papel e as competências dos jornalistas; 4) Os jornalistas são frequentemente usados como fábricas de conteúdo; 5) A desinformação também assombra a mídia tradicional. (Puliafito, 2022, fonte digital)

Pensar no jornalismo digital – para onde todos os gêneros e audiências confluem – no entanto, é admitir que há espaço para novas formas do fazer jornalístico. Se a alta tecnologização da vida e do próprio Jornalismo colocam o campo na “berlinda”, trazendo efeitos indesejados como a “fadiga de notícias” – resumidamente, um desejo de não consumir notícias, especialmente notado durante o auge da pandemia da Covid-19 –, ou a concorrência desleal de “fazendas” de conteúdo nenhum pouco comprometidas com qualquer aspecto ético, é também no digital que projetos independentes, principalmente os “nativos digitais”, acessam mais facilmente maneiras de financiamento, usufruem da redução de custos operacionais e conseguem maior visibilidade, ao construírem verdadeiras comunidades com seus leitores.

Desta forma, o *Slow Journalism* aparece também como um *valor* a ser compartilhado não só entre os que atuam na ponta da produção, mas em toda a cadeia que o ecossistema digital traz à tiracolo. Concordando com Pedriza (2017, p. 144): o SJ vem como uma “nova forma de fazer jornalismo de qualidade em distintos gêneros e formatos tecnológicos, empregando o tempo necessário para garantir à audiência ótimos padrões de qualidade”.

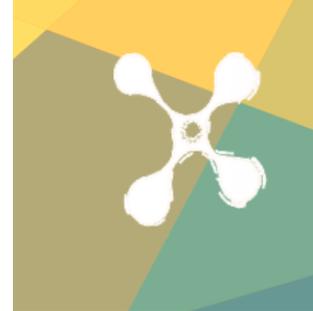


4. Conclusões

O Slow Journalism oferece uma perspectiva renovada para o campo jornalístico, desafiando as normas estabelecidas pela aceleração digital e propondo uma revalorização da produção de notícias. Em um contexto em que o ritmo frenético da produção midiática tem contribuído para a alienação do público e a diminuição da qualidade informativa, o SJ surge como uma alternativa que resgata a essência do jornalismo: informar com precisão, clareza e profundidade. Essa abordagem desacelerada não significa um retrocesso, mas uma evolução no sentido de adaptar as práticas jornalísticas às demandas contemporâneas, oferecendo conteúdo mais robusto e confiável.

O Slow Journalism não rejeita a tecnologia, mas utiliza suas ferramentas de maneira estratégica, questionando a lógica da rapidez pela rapidez e buscando uma integração mais consciente com o ambiente digital. Ao invés de competir com o ciclo constante de atualizações, o SJ propõe um ritmo mais calmo e reflexivo, onde a qualidade das notícias é priorizada em detrimento da velocidade. Nesse sentido, ele se alinha com a necessidade de restaurar a confiança no jornalismo e combater a desinformação, que se prolifera justamente no contexto de aceleração e superficialidade da produção noticiosa digital.

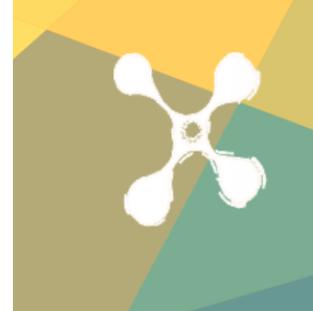
Além disso, o SJ também responde a uma demanda crescente por parte do público, que, saturado pela quantidade de informações muitas vezes irrelevantes ou incorretas, busca conteúdos que ofereçam uma compreensão mais aprofundada e contextualizada dos acontecimentos. Ao focar em uma narrativa mais longa e investigativa, o SJ permite que o jornalista tenha tempo para apurar os fatos com rigor, ao mesmo tempo em que oferece ao leitor uma experiência informativa mais rica e significativa. Dessa forma, ele não apenas



contribui para o fortalecimento do jornalismo, mas também para a criação de um público mais engajado e consciente.

Outro ponto crucial do Slow Journalism é sua ênfase na ética e na transparência. Ao se distanciar da lógica produtivista que muitas vezes privilegia o sensacionalismo e o clickbait, o SJ busca recuperar o compromisso ético com a verdade e a responsabilidade social do jornalismo. Essa abordagem ética é fundamental para que o campo recupere sua credibilidade, especialmente em tempos de crise de confiança, onde as fake news e a manipulação da informação têm minado a relação entre o público e os meios de comunicação.

Em resumo, o Slow Journalism se apresenta como uma abordagem capaz de ressignificar o papel do jornalismo no ambiente digital. Ao priorizar a qualidade, a ética e a profundidade, ele propõe uma alternativa ao modelo acelerado e muitas vezes falho que predomina atualmente. Ao mesmo tempo, ele reconhece a importância da tecnologia, mas a utiliza de maneira crítica, propondo uma integração que valorize o tempo necessário para a produção de notícias que realmente informem e eduquem o público. Com isso, o SJ não apenas contribui para a recuperação da confiança no jornalismo, mas também promove um debate mais amplo sobre o papel da informação na sociedade contemporânea.



Referências

Aderaldo, C. V. L., Aquino, C. A. B. de, & Severiano, M. D. F. V. (2020). Aceleração, tempo social e cultura do consumo: Notas sobre as (im)possibilidades no campo das experiências humanas. *Cadernos EBAPE.BR*, 18(2), 365–376.

Elias, N. (1998). *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Franciscato, C. E. (2019). Digital technologies and multiple temporalities in the journalistic ecosystem. *Contracampo – Brazilian Journal of Communication*, 38(2).

Greenberg, S. (2007). Slow journalism: Why doesn't Britain have a culture of serious non-fiction journalism like the US? *The Prospect*.
<https://www.prospectmagazine.co.uk/opinions/57661/slow-journalism>

Han, B.-C. (2018a). *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Ed. Âyiné.

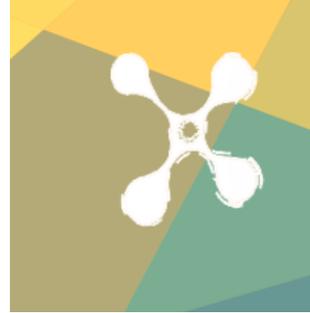
Han, B.-C. (2018b). *No enxame: Perspectivas do digital*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Le Masurier, M. (2014). What is slow journalism? *Journalism Practice*, 9(2), 138–152.
<https://doi.org/10.1080/17512786.2014.916471>

Le Masurier, M. (2016). Slow journalism: An introduction to a new research paradigm. *Journalism Practice*, 10(4), 439–447.
<https://doi.org/10.1080/17512786.2016.1139902>

Mendes, I., & Marinho, S. (2022). Slow journalism: A systematic literature review. *Journalism Practice*, 1–31. <https://doi.org/10.1080/17512786.2022.2075783>

Min, S. J. (2022). *Rethinking the new technology of journalism: How slowing down will save the news*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press.



Neveu, E. (2016). On not going too fast with slow journalism. *Journalism Practice*, 10(4), 448–460. <https://doi.org/10.1080/17512786.2015.1114897>

Pedriz, S. B. (2017). El slow journalism en la era de la “infoxicación”. *Doxa Comunicación. Revista Interdisciplinar de Estudios de Comunicación y Ciencias Sociales*, (25), 129–148. <https://doi.org/10.31921/doxacom.n25a6>

Puliafito, A. (2022). Slow journalism could be a solution to journalistic crises. *The Fix*. <https://thefix.media/2022/9/2/slow-journalism-could-be-a-solution-to-journalistic-crises>

Rosa, H. (2003). Social acceleration: Ethical and political consequences of a desynchronized high speed society. *Constellations*, 10(1), 3–33. <https://doi.org/10.1111/1467-8675.00309>

Soares, L. F. G. (2003). *A serviço da deusa urgência*. Florianópolis.